

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ EM
HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE
PUBLICAÇÃO DE *DURAÇÃO E SIMUL-
TANEIDADE*, DE HENRI BERGSON¹

Fábio Ferreira de Almeida^{2,3}

fabioferreiradealmeida@gmail.com

Quando, em 1905, Albert Einstein publica seu revolucionário artigo apresentando a teoria especial da relatividade, uma ruptura na história da física se estabelece. Essa ruptura não afeta apenas o campo específico da física, mas alcança também outras ciências, como a química, e transtorna a reflexão filosófica, já que o universo no qual os fenômenos acontecem muda radicalmente de configuração. Um dos aspectos mais desconcertantes dessa mudança diz respeito ao novo estatuto que a noção de simultaneidade assume, uma vez que a teoria desfaz a célebre equivalência transcendental dos conceitos de espaço e tempo, equivalência sobre a qual se baseia todo o sistema newtoniano, e que é aquele em que, pelo menos até Husserl, a filosofia se situava. A história das ciências terá agora que se haver com uma noção que, até então, representava algo a ser metodologicamente evitado: a descontinuidade. Estes três elementos (ruptura histórica, novo estatuto da noção de simultaneidade e descontinuidade) já são suficientes para

¹ Recebido: 06-04-2023/ Aceito: 06-04-2023/ Publicado on-line: 09-04-2023.

² É professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7168-1972>.

que compreendamos o alcance da novidade que a teoria einsteiniana representa para o século que, então, mal se havia iniciado. É a chamada *Belle Époque* e, neste contexto, o filósofo francês Henri Bergson já era uma personalidade eminente.

Em 1905, com efeito, Bergson já havia publicado dois de seus livros mais importantes, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889) e *Matéria e memória* (1896), além de seu “ensaio sobre o significado do cômico”, *O riso* (1900). Também já havia sido publicado o importante artigo “Introdução à metafísica” (1903), na *Revue de métaphysique et de morale*, no qual são apresentados elementos que serão desenvolvidos em seu livro de 1907, *A evolução criadora*. Como já deixam ver esses trabalhos, Bergson cultivava grande familiaridade com as ciências de seu tempo e não era indiferente às novidades que, desde as últimas décadas do século XIX, preparavam a revolução einsteiniana. Sua reflexão metafísica, contudo, trata as ciências de modo genérico, como se todas elas formassem um bloco único e uniforme, ou seja, para o filósofo *a ciência*, que se constitui das diferentes áreas ou ramos, realiza um trabalho com características próprias que não permitem que *ela* – a ciência – se confunda com uma meditação propriamente metafísica. Deste modo, uma noção como a de “região”, ou mesmo de epistemologia, tão central em autores cujas obras logo começarão a definir as feições do século XX, seriam absolutamente estranhas ao bergsonismo. Neste aspecto, a filosofia de Bergson continua um tanto clássica. Se podemos reconhecer, com Henri Gouhier (1970), que uma de suas principais significações é ter encerrado a era cartesiana ao

adotar como modelo para a filosofia a biologia e não mais as matemáticas, também será preciso admitir, sem que isso implique abrir mão deste “modelo”, que epistemologicamente o bergsonismo permanece cartesiano. E não é precisamente do ponto de vista uma epistemologia não-cartesiana que Bachelard (2022, p. 50) afirma, não sem aquela ironia “rural” que caracteriza seu estilo, que aceita tudo do bergsonismo exceto a continuidade? Diríamos, assim, que é deste ponto de vista que se devem compreender as análises do autor de *As duas fontes da moral e da religião* sobre a teoria einsteiniana apresentadas no livro *Duração e simultaneidade*, cuja publicação completa agora cem anos.

Talvez, o aspecto a ser notado inicialmente, e de modo mais geral, seja que o livro de Bergson é antes de tudo e fundamentalmente sobre o bergsonismo e apenas circunstancial ou contextualmente sobre a teoria de Einstein. O contexto é, por certo, o impacto e as reações à Relatividade, o que ensejou a circunstância, isto é, o célebre congresso de Bolonha, de 1911 e, posteriormente, o convite de Paul Langevin para que Einstein viesse falar de sua teoria no Collège de France. Nesta última ocasião, Einstein fez uma apresentação de sua teoria em francês e Bergson conhecia bem o idioma alemão mas, como escreve Élie During (2020), o que houve foi um “diálogo de surdos”. Muito embora, como destaca Frédéric Worms, ambos, Bergson e Einstein, tivessem enxergado a mesma questão filosófica, o verdadeiro encontro entre o filósofo e o cientista, ainda que eles estivessem sob o mesmo teto do Collège de France, efetivamente não ocorreu.

Ora, a ruptura entre a medida objetiva e a experiência subjetiva não é fatal, mas sim o corte entre os sistemas objetivos e subjetivos *individuais*, cujo resultado é forçar a superação deles em uma unidade, sendo que a relação entre eles, (...), naquilo mesmo que os distingue, é um fato primordial, e aí a física e a filosofia podem se encontrar. (WORMS, 2019, p. 13)

Menos que o desacordo entre a medida objetiva e a experiência subjetiva, é a distinção, isto é, a separação entre os *sistemas* o que revela o problema filosófico que poderia ter sido encenado por esses dois grandes personagens no palco do Collège de France. Tal separação ou corte, ao invés de isolar os *sistemas*, exige, antes, que se busque compreender o modo, ou os diferentes modos possíveis de relação entre eles. Mas, para o físico, o filósofo não era capaz de compreender sua linguagem, assim como, para o filósofo, o cientista era, por natureza, incapaz de perceber o problema fundamental. É essa relação impossibilitada (quase um espetáculo beckettiano) que mascara, aproveitando ainda as palavras de Frédéric Worms, “a importância de *Duração e simultaneidade* para o pensamento da duração”.

O problema, por certo, não é trivial e sua complexidade ainda é agravada pela caricaturização da teoria, inclusive em meios mais sofisticados. O bergsoniano Jacques Chevalier, por exemplo, narra em seu diário de *entretiens* com o filósofo o encontro de 19 de março de 1923, em que ele felicita Bergson por seu livro, pois enxergava nele uma “perfeita denúncia” da confusão, manifesta ou latente, “entre o *signo* e a *coisa significada* [*la chose signifiée*], que é o que, mais ou menos, vicia todas as teorias científicas modernas, inclusive a teoria da relatividade”. E Chevalier continua:

Como eu dizia a meus alunos, retomando sobre isso a perspectiva de Bergson, um homem que partisse numa viagem na velocidade da luz juntamente com um sinal óptico emitido no momento da Batalha do Marne, veria a Batalha do Marne sempre presente, sendo que a Batalha do Marne já é passado. Eu acredito, acrescentei, que particularmente as mulheres é que se empolgaram bastante com essa teoria da relatividade, por acreditarem que ela poderia fornecer a elas os meios de não envelhecer. Bergson concorda. (CHEVALIER, 1959, p. 44)

Do mesmo modo que proliferam as caricaturas, os paradoxos sobre a teoria também se multiplicam, como o célebre paradoxo dos gêmeos, um pouco mais elaborado que a despreziosa imagem que Chevalier apresenta a seus alunos. Aparentemente foi o físico Hermann Weyl quem propôs o paradoxo dos gêmeos que Paul Painlevé apresenta, segundo a crônica da época, de maneira particularmente clara e precisa, na presença do próprio Einstein quando daquela sua passagem pelo Collège de France em 1922. Mas quase toda bibliografia sobre o tema menciona o quanto Bergson ficou impressionado, já em 1911, com o paradoxo de Paul Langevin, chamado paradoxo da bala de canhão, inspirado em Jules Verne. É evidente que não é possível (e nem sou suficientemente competente para tal) entrar nos intrincados detalhes do que todos esses cientistas propõem a respeito da teoria com estes paradoxos, mas com isto fica ainda mais evidente a potência de transformação do modo de ver o mundo que esta teoria inaugura.

Alexis de Saint-Ours retoma a discussão desses paradoxos de maneira mais precisa em sua contribuição e faz questão de destacar, para além dos equívocos hoje em dia patentes da interpretação bergsoniana, a riqueza de sua perspectiva filosófica. Escreve ele: “Se não é possível

acompanhar Bergson em sua interpretação da teoria da relatividade, o que ainda resta desta obra? Em primeiro lugar um problema filosófico, que é o da duração ou, mais precisamente, o da coexistência de durações em um quadro relativista. Mas também podemos nos perguntar se algumas das questões levantadas por Bergson não tiveram ecos na física moderna e contemporânea”. O que resta de *Duração e simultaneidade*? Essa é a questão que também anima as reflexões propostas por Jean-Marc Lévy-Leblond, que esclarece de maneira muito bem informada tanto os limites da leitura bergsoniana da nova física quanto a riqueza filosófica do livro de Bergson. Laurent Lefetz, por sua vez, faz o mesmo por meio de um engenhoso diálogo entre os personagens Galileu e Galilei, que são um só, mimetizando o paradoxo dos gêmeos a partir dessa referência explícita à figura histórica daquele cuja importância foi ter desvendado as leis da Natureza, justamente as leis que a física contemporânea, de certo modo, esfacela (O leitor atento dessa interessante contribuição que Lefetz vem aprofundando desde publicações anteriores ainda poderá perceber de quem são as vozes por trás de Galileu e de Galilei).

Já no período entre guerras, Gaston Bachelard publica dois importantes ensaios metafísicos, *A intuição do instante* (1932) e *A dialética da duração* (1936), nos quais demarca muito claramente sua posição acerca do problema do tempo e da continuidade em relação a Bergson. Além desses dois livros, em março de 1937 Bachelard pronuncia, perante a Sociedade Francesa de Filosofia, a importante conferência *A continuidade e a multiplicidade temporais*, na qual reitera suas

teses.⁴ Além disso, vale lembrar que no livro de 1938, *A formação do espírito científico* (1970, p. 7), Bachelard não hesita em fixar o ano em que Einstein publica seu artigo como o marco do que ele chama de *novo espírito científico*: “fixaríamos muito precisamente a era do novo espírito científico em 1905, momento em que a Relatividade einsteiniana vem deformar conceitos primordiais que acreditávamos que estivessem imobilizados para sempre”, escreve. Mais de uma década depois, é uma outra recepção da teoria que se tem com Bachelard e, neste momento, ela deve ser compreendida à luz de um outro acontecimento científico decisivo: o advento da teoria quântica que irá acrescentar uma camada suplementar às transformações da experiência e às reflexões sobre o tempo e a continuidade. Enrico Castelli Gattinara e Gérard Chazal retornam à oposição, ou antes à relação Bachelard-Bergson em suas respectivas contribuições ao presente dossiê. Por fim, Evaldo Silva Pereira Sampaio se esforça em ressituar, recorrendo a uma bibliografia bastante recente, *Duração e simultaneidade* numa leitura mais abrangente da filosofia de Bergson.

É certo que o presente dossiê não tem a pretensão de esgotar os temas, nem tampouco resolver qualquer dos problemas que sobressaem do encontro desses dois grandes espíritos do século XX, Henri Bergson e Albert Einstein. Neste centenário da publicação de um livro relativamente pouco estudado no âmbito dos estudos bergsonianos, e por alguns até malvisto, o que se pretende, fundamentalmente, é

⁴ Permito-me aqui remeter à minha tradução desta conferência publicada no livro organizado por Marlon Salomon, *Heterocronias – estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos* (Goiânia: Edições Ricochete, 2018, pp. 337-370). Este livro, ademais, dá conta de uma compreensão mais ampliada do quanto esse contexto científico influenciou o cenário intelectual do século XX.

mostrar o quanto os erros de uma inteligência atenta e lúcida permanecem iluminado os *caminhos do espírito*.

*

Não deixa de ser irônico que o centenário de *Duração e simultaneidade* tenha encontrado um mundo em que regimes autoritários despontam com força aqui e ali. No Brasil, a celebração desta efeméride é assombrada por um governo fascista (e o termo não é nem exagerado nem anacrônico, com tantos querem fazer crer) que, a despeito do que foi capaz de cometer, conseguiu perdurar por longos e quase insuportáveis quatro anos. Isso explica (ainda que apenas em parte) o atraso da publicação deste número da revista *Philosophos* e essa dívida que teremos que carregar com o leitor brasileiro, pois não foi possível – pelas razões que inerentes ao obscurantismo – traduzir as contribuições em língua estrangeira reunidas aqui.

Se *grosso modo* podemos dizer que o que constrangeu Bergson na Relatividade einsteiniana foi a ousadia de uma teoria que afirmava, com a necessária coerência matemática, que o real é muito mais do que aquilo nos informa a intuição sensível e que sua racionalidade até contraria o dado imediato, é no caminho inverso dessa vocação revolucionária do pensamento que o fascismo redivivo parece querer – novamente! – reivindicar e reabilitar o crime. Para tanto, claro, precisam, como os regimes que lhe servem de inspiração e modelo, lançar mão dos meios que forem necessários para eliminar a crítica, a ciência, a reflexão. Por isso, é preciso agradecer ainda mais vivamente a todos os que

participaram na elaboração do presente dossiê, por ajudarem, por mais singela que possa parecer essa contribuição, a reforçar a potência da pesquisa, do estudo e da inteligência contra os fantasmas que tentarão sempre reduzir a criação à destruição deliberada e o pensamento à alucinação.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1970.

CHEVALIER, J. *Entretiens avec Bergson*. Paris: Plon, 1959.

DURING, É. “Bergson, Einstein, et le temps des jumeaux : une singulière obstination”. In: COMPAGNON, A. et SURPRENANT, C. *Einstein au Collège de France*. Paris: Collège de France, 2020. Disponível em <https://books.openedition.org/cdf/9392>

GOUHIER, H. “Introduction”. In BERGSON, H. *Oeuvres*. Édition du Centenaire. Paris: PUF, 1970, pp. vii-xxx.

WORMS, Fr. “Présentation”. In: BERGSON, H. *Durée et simultanéité*. À propos de la théorie d'Einstein. Paris: PUF, 2019, pp. 7-14.